

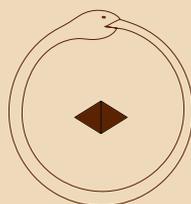
QUARTO RELATÓRIO

ESCOLAS VIVAS

Dezembro 2022 a

Fevereiro 2023

Cristine Takuaí



O QUE FOI FEITO EM CADA ESCOLA YIVA?

Relatos da coordenadora

SHUBU HIWEA

ESCOLA YIVA DO POYO HUNI KUIN

Responsáveis: Dua Buse Huni Kuin

Ao longo dos últimos meses, Dua Busê esteve concentrado na floresta, em sua aldeia Coração da Floresta, no Alto Rio Jordão. Esse tempo está sendo de muita concentração e muito trabalho para organizar e estruturar a comunidade. Uma das prioridades que Dua Busê vinha sonhando era a reforma do Kupixawa, espaço sagrado para rezas e reuniões. Em dezembro, ele concluiu a construção e fez um batismo na casa sagrada, com cantorias e muita celebração.



Durante o batismo da nova casa, *Kupixawa*, teve cantoria, contação de histórias e muita alegria.



Pinturas tradicionais com jenipapo para o dia de batismo do novo *Kupixawa*.

Além da finalização da nova casa, Dua Busê tem se dedicado a cuidar do parque de medicina e do roçado de alimentos para a comunidade, para assim garantir que os jovens e crianças continuem conhecendo as plantas que curam e animam a nossa vida e as suas narrativas. Há muitos sonhos para serem realizados durante 2023 na Aldeia Coração da Floresta e Dua Busê vem aos poucos se organizando para concretizar esses anseios.



A Escola Viva busca valorizar os saberes sensíveis e ancestrais.

Durante o mês de janeiro, Dua Busê e sua família trabalharam bastante na organização da comunidade, do parque de medicina, de construções, roçados e artesanatos. Nesse período, os produtos das roças estão escassos, o que exige um grande esforço para garantir a alimentação de todos.

Em janeiro, a aldeia Coração da Floresta recebeu a visita de um jovem do Rio de Janeiro, chamado Erik, que foi apoiar Dua Busê na gravação de cantos e histórias de sua escola viva. Dua Busê é muito procurado por artistas, pesquisadores, estudiosos de medicina para poder aprender com ele sobre as ciências da floresta e os conhecimentos ancestrais que ele detém.

Dua Busê sonha publicar um livro e um áudio-álbum que contenham a transcrição do canto original. Segundo ele, esse registro servirá para guardar os saberes para que as crianças e os jovens nunca deixem essa memória adormecer.



Práticas diárias, diálogo e fazeres ancestrais (Fotos: Erik).

Durante os primeiros dias do ano, Dua Busê e Nete Teresa, sua esposa, foram sentindo a importância do fortalecimento da transmissão dos saberes sobre os *kenês*, as técnicas de tecelagem, o algodão e as histórias relacionadas a esses conhecimentos. Por isso, estão iniciando uma Escola de Tecelagem chamada Una Shubu Xinã Kuin. Nete Teresa é uma mestra artesã de tecelagem e conhecedora de 26 *kenês* (grafismos sagrados) da tradição Huni Kuin, que remonta ao tempo dos Shenipabu (povo antigo). Junto com Dua Busê, estão abrindo essa escola tradicional para ensinar às 13 jovens artesãs da comunidade a aplicar os *kenês* que ela conhece, para que a sabedoria ancestral ritualística (ritos, cantos, costumes) e dos grafismos seja preservada, e que as jovens mães (e algumas já avós) possam ter uma oportunidade de sustento para suas famílias e autonomia através de seu trabalho.



Práticas de tecelagem, estudos dos *kenês* (Fotos: Erik).



Coletivo de mulheres Huni Kuin Aldeia Coração da Floresta, alunas de Nete Teresa (Fotos: Erik).

Durante esse mês, Dua Busê esteve reconhecendo as plantas medicinais dos parques, colocando placas para que os jovens não destruam quando forem brocar para fazer roças. Ele pretende abrir outro canteiro e organizar um Centro na árvore de Kumaru Ferro da aldeia nova. Também tem alguns sonhos e metas no que se refere à infraestrutura, como fazer uma Casa de Dieta para aprofundamento dos seus ensinamentos para que membros da comunidade, outros parentes, amigos e parceiros possam ter um lugar onde estudar juntos em sua escola viva. Para isso, pretende construir um espaço de reunião em um local afastado dos movimentos da aldeia, para pesquisar e também receber pessoas para tratamentos e cuidados que necessitam de isolamento.

Dua Busê também pretende fazer um refeitório e ainda melhorar o sistema de captação de água, com a instalação de uma bomba de água, assim as mulheres não precisam ficar subindo e descendo o barranco com litros de água sobre a cabeça. Existe um olho d'água na aldeia onde é possível instalar essa bomba de água e puxar um ponto para uma estrutura de refeitório e cozinha.

Dua Busê planeja fazer uma casa de hospedaria para receber parentes, grupos de trabalho e possíveis futuras vivências, assim como também uma Casa de Arte, para que as mulheres possam guardar seus materiais e ter espaço para tecer, esticar os fios e aprofundar os estudos na Escola de Tecelagem.

No mês de fevereiro, a Aldeia Coração da Floresta recebeu a visita de integrantes da APOTI (Associação Povos da Terra), que desenvolveram trabalhos de apoio para melhorar a captação de água e instalar placas de energia solar. Eles levaram tijolos e cimento para fazer um poço e instalar uma bomba de água que subirá água limpa até a aldeia. Isso contribuirá para que as mulheres não fiquem carregando peso todos os dias buscando água no rio.

Dua Busê tem como sonho e objetivo fazer uma casa de artesanato, mas primeiramente construir um refeitório. Também tem a urgência de comprar um barco, pois a canoa antiga afundou quando estavam subindo o rio. Dua Busê quer investir em uma canoa de alumínio de 12 metros, equipada com toldo para poder viajar mais tranquilamente.

Durante todo o mês, as mulheres seguiram praticando os estudos da tecelagem junto a Nete, preparando linhas e organizando os materiais para a confecção de peças tradicionais.

Dua Busê realizou um batismo de *bawe* na lua nova, para que as mulheres consigam aprender rápido os *kenês* da jibóia.



A vida na floresta tem seus encantos, mas muitos desafios. Por exemplo, se a roça não for farta, vem a escassez de alimentos. As mudanças climáticas e uma série de situações vêm desequilibrando e afetando os roçados tradicionais nos quatro cantos do Brasil. A família de Dua Busê vem buscando formas de fortalecer os roçados através de técnicas de agrofloresta e fortalecer o plantio de frutíferas nativas, para garantir a segurança alimentar das crianças e de todas as pessoas da aldeia.



Aldeia Coração da Floresta (Fotos: APOTI- Associação Povos da Terra - Nadja Marin).

No final de janeiro, Kawa, um jovem Huni Kuin que apoia os diálogos com Dua Busê, subiu até o Coração da Floresta para levar algumas notícias e informações para a comunidade, e um vídeo que eu gravei falando do trabalho, dos planejamentos desse ano e perguntando por notícias da floresta. No início de fevereiro, Kawa retornou ao município do Jordão com as novidades e notícias de Dua Busê, Nete e sua comunidade. Foi muito bom saber que ele está bem e fazendo muitos trabalhos de fortalecimento.



APNE IXKOT HAMHIPAK ALDEIA ESCOLA FLORESTA DO POVO MAXAKALI

Responsáveis: Sueli e Isael Maxakali

Entre os dias 12 e 15 de dezembro de 2022, visitei a Aldeia Escola Floresta, visita da qual também participaram Carlos Papá, coordenador da Escola Viva Guarani, Paula Berbert e Anai Vera, antropólogas e colaboradoras da Escola Viva Maxakali, e Katarzyna Mich, conselheira da Associação Saúva Jataí, apoiadora da Ação Escolas Vivas. Foram momentos de muitas trocas, onde pudemos caminhar pelo território e conversar para pontuar as ações a serem desenvolvidas em 2023.

As necessidades de estruturação do espaço e da aldeia são muitas, mas o principal foco do trabalho da Aldeia Escola Floresta está no processo de revitalização e reflorestamento do território, trazendo a floresta de volta, libertando o curso natural das águas para que as práticas do Bem Viver sejam possíveis.



Nessa visita, levei algumas mudas nativas da Mata Atlântica, do viveiro que cuido em minha comunidade, para compartilhar com Isael e Sueli Maxakali. As mudas foram de jaracatiá, embiruçu, ingá e araçá, que foram plantadas durante as caminhadas pelo território. Também foram plantadas outras mudas, que Isael e Sueli haviam trazido de um intercâmbio no final de novembro.



Caminhadas no território Aldeia Escola Floresta para plantar as mudas.

Nessa oportunidade, as mulheres maxakali receberam seus vestidos que formaram parte da instalação exposta na 34ª Bienal, intitulada “Kumxop Koxuk yõg” (Os espíritos das minhas filhas). A instalação da Bienal era composta por um conjunto de objetos, máscaras e vestidos que remetem ao universo mítico das Yãmiyhex, mulheres-espírito. Todo o trabalho para a exposição foi realizado em conjunto pelas mulheres e meninas da aldeia, sob coordenação e curadoria de Sueli Maxakali. Na comunidade, cada uma cuida de uma dessas Yãmiy. A devolução dos vestidos foi muito significativa e importante, um momento esperado e de muita emoção para as mulheres.



Momentos de emoção na devolução dos vestidos.

Nos dias que passamos junto às famílias, vivenciando a Escola Viva Maxakali, pudemos ver as belas artes produzidas pelas mulheres, meninas e anciãs. São grandes mestras da arte da miçanga, do trançado com fibras de embaúba e algodão. As cores, formas e narrativas estão presentes em cada peça confeccionada.



Mostra das artes confeccionadas pelas mulheres Maxakali.

O território onde hoje é a Aldeia Escola Floresta ainda não foi reconhecido pelo Governo Federal. São muitos os desafios e expectativas para com esse novo governo e toda a mobilização do movimento indígena junto ao Ministério dos Povos Indígenas para que as Terras Indígenas possam ser homologadas e os povos indígenas possam viver e praticar o Bem Viver em suas múltiplas dimensões.

A água é um fator muito delicado nessa região, e eles sonham que com a ajuda da atual deputada federal eleita por Minas Gerais, Celia Xakriabá, que teve forte apoio político e espiritual dos Maxakali, eles consigam esse direito a um território para viver e praticar com tranquilidade sua espiritualidade.



No início de janeiro, as mulheres da Aldeia Escola Floresta se organizaram para confeccionar os vestidos tradicionais Maxakali, pintaram os tecidos e depois costuraram.

Muitas atividades culturais, brincadeiras e contação de histórias foram feitas ao longo dos primeiros dias do ano de 2023. A comunidade tem uma grande expectativa de estar indo para Brasília no Acampamento Terra Livre a ser realizado em abril, para reivindicar o reconhecimento do território onde hoje estão as famílias perante aos governantes.

Na aldeia, também continuam organizando e solicitando orçamento para a compra de materiais para a construção de um espaço para realização de oficinas de arte.



Na cultura Maxakali, quando tem crianças doentes ou precisam fazer cerimônias de fortalecimento espiritual, é costume realizar o ritual do *Yamiyxop Xunim* (o ritual do Morcego-Espírito), que traz a cura e a proteção do território.



No mês de fevereiro, a Aldeia Escola Floresta realizou vários rituais de fortalecimento. Para isso, membros da comunidade prepararam o *Mimãñãm* (pau da religião), para fazer os rituais de *Mogmoka* (espírito do gavião) e *Xunim* (espírito do morcego).

Na aldeia, foram feitas reuniões de organização sobre os trabalhos a serem realizados e fizeram reformas nas casas que ficaram danificadas pelos fortes ventos. Muitas atividades foram levadas a cabo com crianças e jovens, como danças e brincadeiras.

Sueli, coordenadora da Escola Viva Maxakali, está organizando um espaço de reforma onde hoje funciona a escola para que seja reestruturada. Também está articulando a mão de obra para a construção e a compra de alguns materiais deste novo espaço.



PONTO DE CULTURA "MBYA ARANDU PORÃ" DO POVO MBYA GUARANI

Responsável: Carlos Papá

Durante o mês de dezembro, o coordenador da Escola Viva Guarani, Carlos Papá, acompanhou as visitas às Escolas Vivas Tukano e Maxakali. Foram caminhadas de muitos aprendizados e percepções que foram se abrindo através da troca de experiências. Carlos Papá acompanhou todas as viagens registrando os diálogos e entrevistas com os coordenadores de cada Escola Viva visitada. Pudemos levantar muitos encaminhamentos e propostas de trabalhos a serem realizados ao longo do próximo ano por cada território.

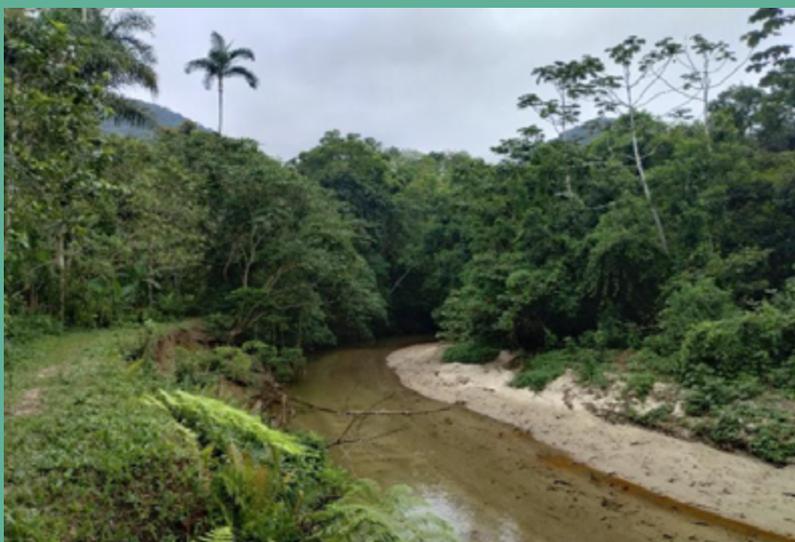


Encontros com Escola Viva Maxakali



Caminhadas com coordenadores Escola Viva Tukano

Durante o mês de dezembro a Escola Viva Guarani fez caminhadas com algumas crianças para buscar mudas e sementes na floresta. Fomos até a antiga aldeia nas margens do Rio Silveira, onde procuramos sementes de embiruçu, pacuri, muda de yvaro, uma planta muito importante na medicina tradicional guarani. O objetivo dessa busca foi fortalecer o viveiro de plantas frutíferas e medicinais que estamos cuidando em nosso núcleo familiar. A Nhe'ery, Mata Atlântica, é um dos biomas mais ameaçados de extinção do planeta, e os viveiros são muito importantes na garantia de sua regeneração, para que consigamos produzir mudas nativas, principalmente de frutinhas para que os animais tenham alimentos e a floresta se recupere.



Nos dias 19, 20 e 21 de dezembro, participamos da Assembleia do Conselho Aty Mirim do Museu das Culturas Indígenas. Foram dias de muitos diálogos e aprofundamento acerca de conceitos como memória, acervo, museologia e arqueologia. Também dialogamos sobre as futuras exposições que acontecerão no ano de 2023, uma sobre a resistência e presença indígena no estado de São Paulo e outra sobre os espíritos que habitam a Nhe'ery (Mata Atlântica). No dia 20 recebemos, durante a reunião, a visita de dois anciãos do povo Mapuche do Chile, Rosa Huenchulaf e Miguel Treumun, que falaram de suas experiências no Museu Mapuche e com os trabalhos na área de educação.

No dia 21 houve a presença do Secretário de Cultura para efetivação do decreto de criação do Conselho Aty Mirim, fortalecendo a essência da gestão compartilhada.



No dia 22 de dezembro, eu e Carlos Papá participamos de um encontro no MAM (Museu de Arte Moderna) em São Paulo. O evento chamado “Ser-com Ibirapitanga” (pau-brasil) foi realizado no Parque Ibirapuera, com Bel Falleiros, artista, e Flavia Aranha, estilista de moda sustentável.

Foram momentos muito especiais de conexão com o sagrado ser “pau-brasil”. Cantamos ao redor das árvores para saudar o sol e depois participamos de uma oficina de desenhos com tintas naturais feitas com pau-brasil.





No dia 28 de dezembro, recebemos na Escola Viva Guarani um casal de anciãos do povo Mapuche do Chile, Rosa Huenchulaf e Miguel Treumun, que nos visitaram junto com Lucas Maciel, um amigo antropólogo. Pudemos conversar sobre vários aspectos da cosmologia dos povos originários, e eles nos relataram um pouco dos trabalhos sobre educação e museologia que praticam em seus territórios.

Foram ricas trocas e muita emoção em compartilhar um rico caldo de peixe com pimenta e mandioca.

No início de janeiro, a Escola Viva e Ponto de Cultura Arandu Porã recebeu a visita das coordenadoras do Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida, Anna Dantes e Madeleine Deschamps, acompanhadas pelo cachorro Bino e suas famílias. Fizemos a reunião de planejamento dos trabalhos deste ano e também dialogamos sobre as escolas vivas, nossos sonhos e desafios.

Nessa semana que recebemos a visita delas, estávamos nos preparando para a realização do Yy Karai, a cerimônia do batismo da água, na qual as crianças recebem seus nomes espirituais. Todo início de ano fazemos esse Nhemongarai, seguindo a tradição ancestral do povo Guarani. Esse ano foi uma cerimônia muito especial e profundamente sensível, pois Carlos Papá, o líder espiritual da nossa comunidade, através da iluminação divina, conduziu a nomeação das crianças que nós havíamos feito os partos no ano anterior. Pela primeira vez vivenciamos esse mágico e encantador momento. Foram sete crianças nomeadas ao longo da noite, com muitas rezas, concentração e força espiritual.



Na mesma semana, também recebemos a visita de Anai Vera, antropóloga e colaboradora do Selvagem. Também nos visitou Valéria Macedo, antropóloga e professora da Unifesp e amiga da comunidade, e quem possibilitou também a visita do líder espiritual Sebastião e sua esposa Iraci, da aldeia do Jaraguá. Todos participaram da cerimônia do Nhemongarai, que foi até o amanhecer do dia.

Na semana seguinte, recebemos a visita de uma equipe do Museu das Culturas Indígenas de São Paulo, dos membros do GT de Comunicação, do Educativo e dos Mestres de Saber, Sonia Ara e Claudio. Eles vieram acompanhados de Alberto Álvares, cineasta guarani, que fez registros e entrevistas sobre o conceito de Nhe'ẽry e também sobre a espiritualidade. Foram dias de muitos diálogos e caminhadas pela floresta. Durante o encontro, foi possível conversarmos sobre cinema e arte indígena, sobre os sonhos que temos para fortalecer o ideal de Museu que queremos, o que foi feito através das caminhadas pelo território e da escuta às lideranças, aos rezadores, parteiras e crianças.



No final do mês de janeiro, a Escola Viva Guarani participou do V Encontro de Educação “Em busca de uma aldeia contemporânea - uma Pedagogia do Fazer com Sentido e com Amor”, que aconteceu na Associação Comunitária Monte Azul, em São Paulo, uma Escola de Resiliência criada por alguns educadores e por Mario Zorik, um grande incentivador da educação.

Esta é uma escola acolhedora, que articula cuidado e superação através da prática do letramento e da aprendizagem de ofícios como agrofloresta, segundo comentou Ailton Krenak em uma conversa que tivemos dias após a visita a esse espaço tão transformador e admirável.



No início do mês de fevereiro, o Ponto de Cultura Arandu Porã e o coordenador da Escola Viva Guarani, Carlos Papá, receberam um convite para participar de um encontro do ICOM - Conselho Internacional de Museus, que aconteceu no Museu da Língua Portuguesa. Nesse encontro, foi apresentada uma lista vermelha dos objetos culturais brasileiros em risco. Essas listas foram concebidas como ferramentas práticas para o combate ao comércio ilegal de bens culturais. Devido à articulação com o Museu das Culturas Indígenas e à participação no Conselho Indígena “Aty Mirim”, nos encontramos em uma profunda reflexão sobre memória, museologia, acervos, práticas educativas em museus, sentindo a necessidade de decolonizar essa monocultura mental que impera em nossa sociedade.



Na lua nova de fevereiro, aconteceu uma grande tragédia no litoral norte de São Paulo, onde se localiza a Escola Viva Guarani, na Terra Indígena Ribeirão Silveira, em meio à Nheẽry (Mata Atlântica). Essa tragédia de 18 de fevereiro devastou parte da região, deixou ao menos 48 mortos e entrou para história com o maior registro de volume de chuvas do Brasil. Muitos ficaram desabrigados e perderam membros da família.

*A Terra tremeu e desceu
Mas não foi à toa
Ela está dando o seu recado
Precisamos reaprender pisar suavemente na Terra
Se não respeitarmos vamos todos morrer...
A chuva grande deixou muita destruição e feridas
no útero da Terra.*



Muitos culpam as mudanças climáticas por todas as tragédias que ocorreram. Eu tenho pensado no racismo ambiental oculto e silencioso, onde a especulação imobiliária e a injustiça social imperam, fragilizando e vulnerabilizando parte da sociedade.

Devido a toda essa situação que fragilizou muito a nossa comunidade, representantes do governo estadual e federal estiveram na aldeia para ver e pensar juntos em como colaborar. Aproveitamos o momento para cobrar atenção dos representantes sobre o processo de homologação da Terra Indígena Ribeirão Silveira, estagnado há mais de doze anos. Estiveram presentes a ministra Sonia Guajajara, a presidenta da Funai Joênia Wapixana e a deputada federal Célia Xakriabá, a quem entregamos um documento solicitando ao STF urgência no processo. Demarcar nossos territórios significa manter as florestas em pé e garantir a vida a todas as formas de vida.



Durante esses dias muitas foram as mobilizações para apoiar as famílias diretamente afetadas e pensar estratégias para recuperar o morro que desabou ao lado da casa de rezas.

Na queda do morro, um arbusto de ka'a, erva mate que havia sido plantado também foi atingido, Djeguaka foi recuperá-la e replantá-la. Kauê, refletindo sobre a chuva grande e toda relação humana nessa tragédia, produziu uns desenhos nos mostrando quanto falta bom senso na solidariedade e ética nas relações com a sociedade. Não foram somente humanos que foram atingidos pela tragédia, mas também seres-plantas, seres-animais e seres-minerais.





Estamos estudando um plano de recuperação das encostas do morro para conseguir frear a erosão e garantir que nossa *opy'i*, casa de rezas, nossa verdadeira escola, espaço de cura e de aprendizados ancestrais, seja preservada.

Para isso, será necessário fazer inicialmente umas curvas de nível e depois um grampeamento com tela. Posteriormente, deverão ser feitas algumas terraças com super adobe em alguns pontos específicos para dar mais firmeza para a terra, e, em seguida, fazer plantio de algumas espécies, como vetiver e bambus não alastrantes, até braquiária em alguns momentos podemos usar para enraizamento. Estamos buscando parceiros e apoiadores para tornar possível essa ação.



CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA “BAHSEKOWI” DOS POVOS TUKANO, DESSANO E TUYUCA

Responsável: João Paulo Barreto

Visita da Equipe das Escolas Vivas ao Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi”

Nos dias 6, 7 e 8 de dezembro, visitei o Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi” junto com Anai Vera, antropóloga e colaboradora das Escolas Vivas, Katarzyna Mich, conselheira da ONG Saúva Jataí, associação apoiadora da ação, e de Carlos Papá, coordenador da Escola Viva do povo Guarani Mbya. Nessa oportunidade, como equipe das Escolas Vivas, tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido e vivenciar o cuidado de saúde com bahsese (benzimentos). A programação foi muito especial, com café da manhã regional - mingau de açaí, buriti e umari - preparado exclusivamente pela Dona Sandra do povo Tukano.

Durante a visita, em uma roda de conversa, a equipe do “Bahserikowi” apresentou a história da fundação do Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi”. A ideia surgiu a partir de uma experiência de muita dor devido a um ato de discriminação que aconteceu em 2009, quando os médicos prognosticaram a amputação do pé da sobrinha do coordenador do Centro, devido a uma picada de cobra venenosa. A família da menina havia proposto fazer tratamento articulado entre biomedicina (alopática) e medicina indígena, antes da decisão final de amputar o pé da menina. Mas o médico chefe da equipe que cuidava da menina disse: “eu não vou permitir a entrada do pajé no hospital cantando, pulando, dançando, tocando maracá, tambor e fazendo fumaça para fazer ritual de cura, porque o hospital é lugar de doentes e lugar de silêncio”. Nessa fala, perceberam que os profissionais de saúde possuem uma visão equivocada e preconceituosa sobre os especialistas indígenas, rotulados de pajés.

Foi a partir desse episódio triste que foi idealizado o Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi”. Mas passaram alguns anos e o Centro foi fundado em 2017. Hoje, o “Bahserikowi” representa a resistência e existência da medicina indígena, como também se constitui em uma referência para os povos indígenas.

Nas longas conversas que tivemos com toda a equipe do Centro, vimos que o “Bahserikowi” foi criado, principalmente, para mostrar à sociedade não indígena que os povos do Alto Rio Negro possuem

a sua própria medicina, praticada há milênios pelo seus ancestrais. Vimos também que o espaço não se restringe apenas a uma casa de tratamento de saúde, mas também é um espaço cultural dos povos indígenas, onde se encontram para compartilhar cantos e danças, ensinamentos sobre bahsese, entre outros conhecimentos. Tivemos uma vivência com o especialista kumu Anacleto (povo Tukano), momento em que recebemos bahsese de proteção.

O Centro também divide espaço com a “Biatüwi, Casa de Comida Indígena”. Segundo a chef de cozinha, Clarinda Ramos, do povo Sateré-Mawé, a comida deve nutrir tanto o corpo quanto a alma. Foram momentos muito especiais de apreciar essa rica culinária tradicional.

O Coordenador do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, Ivan Menezes Barreto, a convite do Conselho Indígena de Roraima – CIR, esteve participando da Oficina de Medicina Indígena do povo de Roraima em Boa Vista.



Biatüwi, Casa de Comida indígena

No dia seguinte, o fundador e o coordenador nos acompanharam até uma comunidade próxima a Manaus, onde reside o parente especialista baya (mestre de músicas e danças) Jacinto Tuyuca, um dos parceiros que também vem acompanhando as lutas e as caminhadas do Centro de Medicina. A visita ao baya teve como objetivo mostrar o modo de vida, de sentir e vivenciar com as danças, rituais e bahsese dentro de uma pequena maloca.

No último dia, houve uma gravação dos depoimentos da equipe do Bahserikowi falando sobre a fundação e a permanência do espaço, as dificuldades e alcances e dos futuros objetivos que o Centro almeja para alcançar suas metas. Também foram gravados depoimentos sobre o funcionamento e a manutenção da casa. Nós da equipe das Escolas Vivas tivemos a oportunidade de conviver no ambiente e presenciar alguns momentos de como é o dia a dia do Bahserikowi.



Diálogos junto a equipe do Centro de Medicina.



Conversando com João Paulo Lima Barreto.



Visita ao especialista Jacinto Tuyuca

Planejamento das Mulheres da Makira E'ta

No dia 16 de dezembro, foi realizada uma reunião para organizar a prestação de contas do ano de 2022 das mulheres participantes da MAKIRA E'TA- Rede de Mulheres Indígenas do Estado do Amazonas no Centro de Medicina, que sempre dispõe o espaço para a realização do planejamento mensal e anual da rede. O espaço é aberto para vários tipos de atividades e reuniões sobre medicina, cultura e educação indígenas.



Esporte Indígena

O time de futebol e o FIRN (Fundo Indígena do Rio Negro) representam os 23 povos indígenas do Alto Rio Negro. O time é composto de jovens atletas que deixaram as suas comunidades de origem para estudar ou buscar alternativas de trabalhos na cidade de Manaus, onde se localiza o Centro de Medicina. O “Bahserikowi” apoia o time, pois os jovens indígenas amam jogar futebol, e dessa forma se constitui em um espaço e uma oportunidade de lazer e diversão no contexto urbano. O time foi fundado em 2016 para receber os jovens que vêm das comunidades.



Mestrados Universidade Federal do Amazonas UFAM

No dia 17 de dezembro, o Centro de Medicina Indígena concedeu o espaço para uma aula de antropologia, ministrada pelo professor Agenor da UFAM, para estudantes de mestrado em antropologia. Foi falado aos e às estudantes sobre a importância das práticas de cura e do bahseese para a vida. Também foi realizada uma pequena demonstração com o kumu Anacleto Tukano.



Visita da equipe de profissionais da SEMSA

No dia 23 de dezembro, o Centro de Medicina recebeu a visita da equipe da SEMSA (Secretaria Municipal de Saúde de Manaus), que veio conhecer o trabalho que se realiza no “Bahserikowi”. A equipe do “Bahserikowi” recebeu os visitantes, e o fundador, o Dr. João Paulo Lima Barreto, teve uma breve conversa repassando informações sobre o bahsese e de como surgiu a ideia de construir o centro de medicina, sobre a convivência com o kumu e de como são feitos os tratamentos de saúde.

O diálogo e a visita da equipe ocorreram com o intuito de que futuramente possa ser construída uma parceria, e que a medicina indígena seja inserida no sistema de saúde público, com os especialistas sendo respeitados e reconhecidos como grandes profissionais no mesmo patamar que os médicos da medicina ocidental.



Visita de estudantes universitários de medicina

No dia 19 de janeiro, o Centro de Medicina Indígena recebeu estudantes universitários da UFAM que cursam medicina para realizar uma aula sobre práticas de cura tradicionais. O coordenador do Centro compartilhou informações sobre a importância das medicinas indígenas do Alto Rio Negro e falou sobre a necessidade de que o Centro possa estabelecer mais diálogos com os médicos ocidentais e os universitários, pois acredita que isso poderá fortalecer os trabalhos realizados no “Bahserikowi”.

O coordenador iniciou sua fala comentando sobre a importância das etapas de formação para se tornar um especialista. Explicou que os especialistas não nascem com esse dom, mas que passam, primeiramente, por uma preparação do corpo e só depois iniciam algumas práticas, obedecendo as regras e dietas que os responsáveis lhes propõem. As técnicas e saberes são repassados de forma

oral, em vários momentos, durante a cerimônia que começa com uma roda onde se bebe e se come ipadu. Depois, ocorrem as preparações noturnas, na hora de se deitar, e por fim chega o momento em que começam a colocar os saberes em prática.

Os estudantes universitários de medicina foram orientados a ver a saúde indígena com outros olhos, para que, ao saírem do “Bahserikowi”, possam ter outra perspectiva e conheçam cada item que compõe o espaço indígena, suas histórias, os remédios que são produzidos e como são usados na prática de bahsese. Também foram guiados a entenderem que os grafismos que fazem parte do bahsese contém muitos significados, para que possam conhecer sobre a importância deles para cada povo, junto aos seus produtos e suas simbologias de curas medicinais.

As visitas de estudantes de medicina começaram a ser mais constantes, sobretudo os alunos que estão no começo do curso de medicina. Nos diálogos torna-se possível eles olharem nossa medicina sem preconceitos, aproveitamos essas oportunidades para dizer o quanto nossas práticas são diferentes, pelo fato de serem baseadas em outros fundamentos de cuidado com o corpo e o espírito.



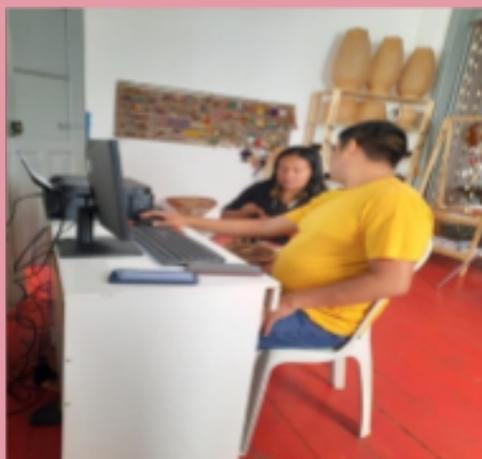
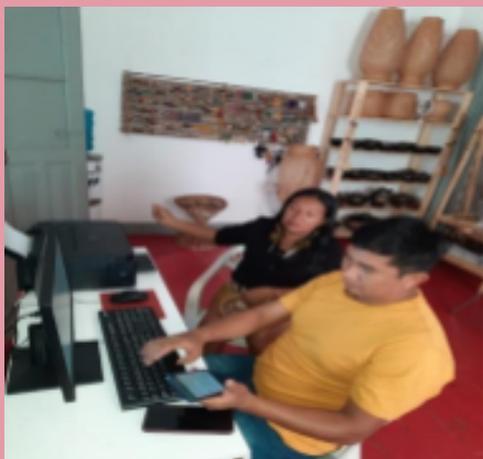
Reunião com Tabihuni

No dia 18 de janeiro, foi realizada uma reunião junto ao TabiHuni para fechamento do projeto executado no período de agosto até dezembro de 2022, denominado “Resistindo com quem resiste”, do Fundo Brasil.



Elaboração de anteprojeto

No mês de janeiro, após muitos diálogos com os parceiros, foi organizado um apoio para uma colaboradora do Centro de Medicina Indígena, para que ela possa participar do processo seletivo do curso de Mestrado em Antropologia Social da UFAM (Universidade Federal do Amazonas).



Reportagem da A Crítica TV

No dia 21 de janeiro de 2023, o Centro de Medicina Indígena recebeu a visita da emissora de televisão A Crítica. Foi feita uma reportagem com a finalidade de coletar informações sobre as atividades realizadas no Centro, a medicina indígena do Alto Rio Negro e como é praticada na cura de enfermidades. Ivan Barreto, coordenador do Centro de Medicina, deu uma entrevista em que comentou sobre os objetivos da criação do “Bahserikowi” e também relatou sobre a luta e os cinco anos de funcionamento do Centro.



Todas as atividades do Centro estão voltadas para divulgar a medicina indígena, sendo uma luta quebrar os preconceitos e o imaginário que a sociedade criou em relação às práticas indígenas de cuidado com a saúde. No cotidiano, o “Bahserikowi” continua atendendo as pessoas, e os kumuã cuidam delas com bahse (benzimento) e plantas medicinais. A maioria das pessoas que frequentam o Centro de Medicina Indígena são de fora do estado do Amazonas. Além disso, o Centro também recebe visitas de lideranças indígenas que passam por Manaus, que também sonham com inspirar mais iniciativas de fundação de casas de medicina indígena.

Participação no III Encontro Pagão Amazônico

No início do mês de fevereiro de 2023, o Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi” recebeu o convite para participar de uma palestra no III Encontro Pagão Amazônico, sobre o tema “Na caldeira das Magias Amazônicas”. O coordenador Ivan Barreto participou do evento, com uma apresentação intitulada “Tuõñase: A prática bahse no Bahserikowi”. Ele falou sobre a importância do bahse (benzimento) no Alto Rio Negro e os conhecimentos indígenas que tem como base: kihti ukuse, bahse e bahsamori. Dissertou sobre como cada povo do Alto Rio Negro tem seu modo de pensar, de praticar os rituais com cantos e danças, além de seus conhecimentos sobre a prática de benzimento e as fórmulas de cura das doenças. Atualmente, no Alto Rio Negro existem dois grandes tipos de especialistas, os kumuã e os baya, que cuidam do ciclo social da região. Com a chegada dos colonizadores na região, os especialistas da categoria yai (xamãs) foram exterminados, pois achavam que suas práticas eram demoníacas.

A apresentação do coordenador foi muito importante, pois ele também teve a oportunidade de falar sobre a criação e a fundação do Centro de Medicina Indígena. Ele contou a história dos conflitos entre sua família e os médicos que atuavam no hospital onde a sua prima ficou internada, com lesões graves na sua perna por picada de cobra jararaca, e que, naquela época, os médicos afirmaram que era preciso amputar a perna da menina. Isso levou a uma grande luta para conseguir fazer um tratamento conjunto entre um especialista indígena e os médicos ocidentais, pois a família não aceitava amputar a perna. Este acontecimento gerou um incentivo para a família criar um centro de tratamento e cura, utilizando as medicinas indígenas do Alto Rio Negro. Esse espaço permitiu provar que as medicinas indígenas existem e são válidas. No Alto Rio Negro, antes da chegada de colonização, os antepassados utilizavam exclusivamente plantas medicinais, sendo a floresta uma grande farmácia. Ao finalizar a palestra, Ivan comentou sobre o seu nome de benzimento, Kūmarõ, e que significa “pessoa responsável de se comunicar com o Sol sobre a temperatura do clima”.

Também participou do evento a administradora do Centro de Medicina Indígena, Carla Fernandes, que relatou sobre a importância dos cuidados da mulher desde a infância e até chegar no período da primeira menstruação. Ela também comentou sobre as regras e dietas para o corpo não ficar vulnerável às doenças. O bahseese está presente na vida da mulher permanentemente. Especificamente na gestação, o especialista, o kumü, faz bahseese preparando o corpo feminino para gerar uma vida, transformando o útero como uma casa bem aconchegante, para que não haja nenhum problema até o momento do nascimento da criança. Para finalizar a palestra, Carla falou sobre o funcionamento do Centro de Medicina Indígena e as atividades que são realizadas além dos atendimentos e dos tratamento de cura das enfermidades, como a lojinha onde se vendem ervas medicinais, camisetas com grafismos indígenas, livros escritos por antropólogos indígenas, artesanatos e acessórios produzidos por ela e pelas colaboradoras do espaço. Todos esses produtos estão em conexão com o bahseese, já que por trás de cada produto pode ser encontrada uma fórmula de cura. Ela também mencionou que o Centro de Medicina Indígena não atende somente indígenas, mas que atendeu pessoas do mundo inteiro desde a sua fundação; e que o Bahserikowi tem se tornado uma referência para todos os povos indígenas.



Incentivo aos jovens indígenas LGBTQIA+

No dia 10 de fevereiro, houve uma reunião de planejamento no Centro de Medicina Indígena com o Coletivo Miriã Mahsã, fundado em outubro do ano de 2021. Outros dois eventos do coletivo já tinham sido promovidos na sede do Centro. O primeiro foi uma feira e uma roda de conversa, que contou com a participação da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania. O segundo foi uma grande roda de conversa, que teve a participação de vários jovens indígenas LGBTQIA+, todos eles contando as suas dificuldades de serem aceitos na sociedade. Atualmente, os e as jovens estão

planejando junto ao Coletivo Miriã Mahsã um evento maior, possivelmente no início do mês de abril deste ano.

O apoio das Escolas Vivas para o Centro de Medicina Indígena é fundamental para permitir o desenvolvimento de atividades e outro tipo de apoio a jovens indígenas, inicialmente do Alto Rio Negro e futuramente a outros jovens indígenas do estado do Amazonas.

De certa forma, o movimento indígena local não tem abraçado a causa LGBTQIA+. Mesmo sabendo que há muitas pessoas que se reconhecem como tal dentro das comunidades indígenas, o movimento indígena parece ignorar estas pessoas. Diante disso, o “Bahserikowi” vem apoiando a presença, a existência e o fortalecimento da comunidade LGBTQIA+ indígena para dar maior visibilidade perante a sociedade.



Participação do Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi” para a exposição fotográfica do protagonismo indígena

Em 7 de fevereiro, Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas, a equipe do Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi” recebeu o convite do diretor do Museu da Cidade para a abertura da exposição fotográfica sobre protagonismo indígena, que tem o objetivo de destacar os povos indígenas em Manaus. Ivan Barreto, o coordenador do Centro de Medicina Indígena, foi entrevistado e falou sobre a luta e a resistência dos povos indígenas presentes há mais de 15 mil anos nessa terra, sobre a luta e a resistência para continuar existindo e protegendo as suas terras, os seus conhecimentos, as suas línguas e tudo aquilo que os colonizadores tentaram exterminar no passado. Manifestou sua alegria em saber que atualmente tem representantes indígenas nos ministérios e que esses casos inéditos até então ajudam no fortalecimento da luta dos povos indígenas.

Carla Fernandes também participou da entrevista. Ela destacou que o “Bahserikowi” foi uma grande conquista, sendo o primeiro Centro de Medicina Indígena da Amazônia. Ela manifestou que não bastava falar ou escrever sobre os conhecimentos indígenas, mas que foi preciso fundar o Centro para provar à sociedade não indígena que as medicinas indígenas são tão válidas quanto outras medicinas.



Participação do “Bahserikowi” no Laboratório Ítalo-brasileiro

O Fundador do Bahserikowi, João Paulo Lima Barreto, foi convidado para participar de uma oficina de saúde coletiva promovida pelo Laboratório Ítalo-brasileiro na Itália. Passou pela Universidade de Bologna, Parma e Roma dando palestras sobre as experiências dentro do “Bahserikowi”.



Este relatório conta com a colaboração de Anai Vera.

Sou CRISTINE TAKUÁ, povo Maxakali, educadora, mãe, parteira, pensadora, gosto de cuidar das plantas e aprender com elas. Sou diretora do Instituto Maracá e venho junto com outras lideranças desenvolvendo projetos de fortalecimento cultural. Estudei Filosofia na Unesp de Marília e venho ao longo de anos pensando nas filosofias ameríndias e nas possibilidades de descolonização do pensamento, para contrapor a monocultura colonial que domina as formas de transmissão de conhecimento. Sou uma das fundadoras do Fapisp (Fórum de articulação dos professores indígenas de SP). Cuido do diálogo com as quatro escolas vivas, pensando em intercâmbios e contribuindo para a continuidade desses sonhos.

A SAÚVA é uma associação sem fins lucrativos, que trabalha em rede, na promoção da sustentabilidade, autonomia e circularidade de projetos e empreendimentos; se motiva pela regeneração do ambiente em sua integralidade; pela redução da desigualdade social; pela troca de saberes com povos e culturas tradicionais do Brasil; pela prática da auto-educação e pela cocriação de outras formas de relação econômica.

ANAI G. VERA BRITOS é paraguaia e mora no Brasil. Estudou biologia na UFMS, mas mudou de profissão ao virar mestra em Antropologia pela UFSC. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela USP. Pesquisa sobre a etnologia guarani e outros povos das terras baixas sul-americanas. Sonha com contribuir como enlaçadora e tradutora de mundos.

Contato: anaivera@usp.br

SELVAGEM

ciclo de estudos sobre a vida

oferece gratuitamente cadernos, conversas, ciclos de leitura e audiovisuais.

Seu interesse e participação dão sentido e motivam nossa existência.

Caso deseje retribuir às atividades oferecidas,
sugerimos [apoio às Escolas Vivas](#).